

Com um **toque** de **criatividade**

Profissionais elaboram projetos de Educação Física diferentes para ensinar – e encantar – crianças e jovens nas escolas.

Somos, aproximadamente, 300 mil profissionais de Educação Física no Brasil. Boa parte deste total é composta por professores de Educação Física, nos ensinamentos infantil, fundamental e médio. A formação de crianças e jovens para uma vida mais ativa, solidária e cidadã é uma grande responsabilidade que esses profissionais assumem. E a motivação central de um professor é encontrar uma forma diferente de ensinar a Educação Física, saindo do lugar-comum do “rola bola” para ampliar o escopo da disciplina de forma a contemplar todos os benefícios que a Educação Física pode trazer aos estudantes de todas as idades.

O caminho, porém, não é fácil. À parte a falta de materiais, de espaço, e até mesmo de reconhecimento por parte dos gestores escolares, alguns profissionais driblam essas dificuldades e valem-se da criatividade para transformar as aulas de Educação Física em algo diferente e divertido, conquistando os alunos, os outros professores e

os funcionários, envolvendo, por fim, toda a comunidade escolar. A *Revista EF* conversou com três profissionais que investiram em novas formas de lecionar a Educação Física em suas escolas.

NA GINGA DA CAPOEIRA E DO FUTEBOL

O município de Queimados, no Rio de Janeiro, coleciona histórias centenárias, apesar de ter se emancipado há apenas 22 anos. E uma dessas histórias é a cultura do movimento corporal, como a prática da capoeira e do futebol, tradições das quais há poucos registros. Como especialista em Cultura Africana e Afro-brasileira, não foi difícil à profissional Denise Guerra dos Santos (CREF 015514-G/RJ) observar essa situação. Ela, então, resolveu fazer uma proposta a seus alunos do oitavo e nono anos do Fundamental, na Escola Municipal Professor Washington Manoel de Souza: uma pesquisa sobre a cultura do movimento corporal





que é produzida pela comunidade local, abrangendo as aulas de Educação Física de março a outubro deste ano. “Eles aceitaram na hora”, conta a professora.

O projeto acabou envolvendo também a disciplina de História, que colaborou para o trabalho de pesquisa, e a coordenação pedagógica da escola, que deu o suporte para que ela pudesse ser realizada. Entre os objetivos do projeto, Denise ressalta que procurou fazer com que os estudantes conhecessem suas raízes culturais através da apuração de histórias orais e das práticas socioesportivas da capoeira e do futebol. Além das aulas teóricas e práticas dentro do ambiente escolar, a professora ainda fez uso de saídas pedagógicas no contraturno para que os estudantes pudessem conhecer espaços de prática de capoeira e futebol em Queimados e entrevistar os principais atores destas manifestações corporais no município.

Para estudar o futebol em Queimados, os estudantes visitaram a sede do Queimados Futebol Clube, que completou 90 anos este ano. Os jovens entrevistaram o presidente do clube, Luiz Carlos Monteiro, o ex-jogador Jairzinho e visitaram o salão de troféus, conhecendo a história da equipe de futebol. Para entender a capoeira, os alunos visitaram a Vila Olímpica de Queimados, onde conversaram com o mestre Comprido. “Esta pesquisa so-

bre o futebol e a capoeira de Queimados teve como produto final 50 entrevistas individuais feitas pelos alunos e quatro entrevistas coletivas.”, enumera Denise. O tema perpassou diversas atividades pedagógicas dos jovens, como exposição de trabalhos escolares, participação em competições esportivas, ensaios de música e dança sobre capoeira e cultura popular, participação no desfile cívico sobre o tema “diversidade na capoeira e no futebol”, concurso de desenhos e exposição sobre a capoeira e o futebol de Queimados, e apresentação de música e dança sobre a capoeira e cultura popular na escola. “A ludicidade e a interatividade vivenciadas nas práticas do futebol e da capoeira foram traduzidas nos desenhos coloridos e iluminados, expostos na festa da primavera e que fizeram parte da mostra pedagógica do município em novembro”, complementa Denise.

Numa avaliação final, Denise afirma que os estudantes se empolgaram e estiveram bastante envolvidos com o projeto. “Nossos alunos apresentaram certo encantamento por conhecerem as histórias do futebol e da capoeira nos bairros onde residem. Nas entrevistas coletivas, tomaram para si a responsabilidade de entrevistar, manter a atenção e a ordem do grupo. Foi grande o interesse de todos para irem aos espaços pesquisados”, comemora.





GINÁSTICA PARA TODOS

Em Minas Gerais, os professores de Educação Física da rede estadual de ensino passaram por um curso de capacitação para o Programa de Educação em Tempo Integral, implantado pelo governo do estado. Surgiu, ali, a sugestão da utilização da ginástica como uma prática corporal para as turmas de 1º ao 5º ano do Fundamental. O profissional Geraldo Majella Teixeira Tempone (CREF 021089-G/MG), da Escola Estadual Ministro Aloísio Costa, no município de São Geraldo, abraçou a ideia e passou, em 2011, a executá-la em suas turmas do 1º ao 5º ano (somando 124 estudantes), no que batizou de “Ginástica para todos”. Antes, porém, o professor teve que realizar algumas adaptações: como a escola não dispunha de material específico para a prática da ginástica, principalmente da ginástica rítmica, Geraldo confeccionou aparelhos que se aproximassem aos utilizados na modalidade. Além da ginástica rítmica, o projeto também aborda as ginásticas de solo e acrobática.

O trabalho do “Ginástica para todos” foi desenvolvido durante 22 encontros realizados em seis semanas, em que Geraldo mostrou às crianças como são os vários tipos de ginástica. “A contextualização da prática foi feita através de filmes que tem a ginástica como tema, como apresentações em *data-show* e vídeos das aulas dos próprios alunos”, conta o professor. Após esse primeiro contato com a ginástica, Geraldo iniciou os estudantes na vivência de alguns de seus movimentos. “Criamos coreografias com os elementos aprendidos, se assemelhando com as séries usadas no solo da ginástica artística, porém com trilha sonora do cotidiano dos alunos”, explica. Essas coreografias são apresentadas em eventos da escola ou no auditório. “Entre as músicas que criamos coreografias podemos citar: *Alegria* (Cirque Du Soleil), *Brincar de Índio* (Xuxa), *Arco-Íris* (Xuxa) e *É Dia de Comemorar* (Biquini Cavado)”, enumera o professor. A avaliação do professor era realizada observando o comportamento, a participação nas aulas e o comprometimento das crianças com as atividades propostas.

Como resultado, Geraldo percebeu que seus alunos ficaram mais motivados a participar das aulas e se sentiram felizes em ver o efeito que suas apresentações causavam nos eventos da escola. O sucesso do projeto foi tanto que em 2012, além das turmas de 1º a 5º ano, sua aplicação foi estendida para mais quatro turmas do Programa de Educação em Tempo Integral. Geraldo apresentou o “Ginástica

para Todos” durante o 3º Simpósio de Esporte na Escola, promovido pelo CREF6/MG em abril deste ano, e seu projeto foi um dos premiados no evento, cujo tema foi “Boas práticas de Educação Olímpica”. “Me sinto muito alegre. A cada apresentação que os alunos saem aplaudidos dos auditórios, vejo que a dedicação deles se torna maior a cada dia para que isto aconteça sempre. Procuo incentivá-los sempre a fazer as apresentações o mais bonito possível e, por enquanto, o resultado é incrível”, conta, orgulhoso.

VIVÊNCIA DA CULTURA INDÍGENA

Por três anos, o profissional Robson Alex Ferreira (CREF 013702-G/SP) lecionou para crianças e jovens indígenas da etnia Kaingang e Krenak e se encantou com a forma como eles se comportavam nas aulas de Educação Física, a tal ponto que este foi o tema de sua tese de doutorado. Mas esse contato também o fez abrir os olhos para uma lacuna no ensino de um modo geral. “Percebi que tal temática é pouco ou nada explorada dentro da nossa cultura escolar, como um conteúdo rico a ser esmiuçado pelos estudantes”, avalia. Robson resolveu fazer um diagnóstico entre os 103 estudantes do 6º ano na Escola Estadual Joaquim Abarca, em Tupã (SP), para avaliar o conhecimento deles sobre o índio e sua cultura do movimento corporal. O levantamento revelou uma série de estereótipos, quando não um desconhecimento completo sobre o assunto. “Apresentaram como respostas palavras soltas, como: andam pelados, usam cocares, não trabalham, são violentos, usam penas, tomam banho no rio, caçam bichos e sobem em árvores, ou ainda, afirmaram, em grande quantidade, não saber nada sobre o indígena”, enumera o professor.

Após esse diagnóstico, Robson falou um pouco sobre a cultura do movimento corporal indígena e propôs ao grupo uma forma de aprender e vivenciar essas manifestações, inclusive com a reprodução dos Jogos dos Povos Indígenas na própria escola. “Quando comecei a falar para eles sobre a cultura do movimento corporal dos índios e, principalmente, sobre os Jogos dos Povos Indígenas e da possibilidade de vivenciarmos tudo aquilo, os alunos ficaram muito motivados, especialmente quando surgiu em suas mentes que teriam contato com o arco e a flecha, a corrida da tora, a visita à aldeia indígena”, relembra.

O próximo passo foi organizar uma visita à aldeia Vanuíre, no município de Arco-Íris (SP), para que os estudantes conhecessem a cultura indígena. Lá, eles assisti-



ram a palestras sobre o modo de vida dos índios e tiveram contato com as brincadeiras e o artesanato da tribo. Depois, os jovens foram ao Museu Vanuïre para conhecer o acervo etnográfico indígena do estado de São Paulo. Eles também assistiram a palestras de indianistas e representantes da escola indígena e aprenderam, com um especialista, a confeccionar os licocós, que são bonecos típicos da cultura indígena. O aprendizado se estendeu com vídeos sobre os Jogos dos Povos Indígenas e a vivência de brincadeiras e danças típicas. Todo o projeto culminou na realização de uma vivência dos Jogos dos Povos Indígenas, com a realização das provas de corrida de tora, arremesso de lança, cabo de força e arco e flecha. Ao final do projeto, os estudantes entregaram uma avaliação de todo o processo e, como última etapa, compartilharam com os colegas os depoimentos de pais ou responsáveis sobre a vivência dos alunos com a cultura do movimento corporal indígena na Educação Física. O assunto também foi trabalhado pela professora de Geografia, promovendo a interdisciplinaridade entre as duas matérias. Além disso, teve apoio imediato da coordenadora da escola. “O papel do grupo gestor da escola é fundamental para o sucesso de qualquer projeto”, acredita Robson. De acordo com o profissional, o trabalho, previsto para ser bimestral, acabou se estendendo pelo período de março a julho de 2012, devido ao grande interesse demonstrado pela turma.

Robson conta que proposta foi elaborada totalmente de acordo com o currículo oficial estabelecido pelo estado de São Paulo para a Educação Física. “O currículo oficial não apresenta em suas listas de conteúdos a temática envolvendo a cultura do movimento corporal dos indígenas; no entanto, o professor pode, se assim desejar, – e não sofrer interferências, as quais considero negativas – introduzir esta temática no bloco de conteúdos denominados Jogos e Esportes, pois há está flexibilização do currículo”, explica. O projeto foi inscrito no Prêmio Victor Civita Educador Nota 10, tendo ficado entre os 55 finalistas.

Em sua avaliação final sobre todas as atividades desenvolvidas, Robson acredita que seus objetivos foram conquistados. “Os alunos aceitaram a proposta inicial de conhecer o indígena e sua cultura do movimento corporal e realizaram todo o projeto, enfrentando as dificuldades encontradas com afincos e desejo de aprender mais, o que evidencia estarem abertos a conhecimentos que possam contribuir para o crescimento e desenvolvimentos destes como cidadãos humanizados”, finaliza. ❑





E NA SUA ESCOLA?

Então, como são suas aulas de Educação Física? Já pensou em um projeto, um programa, uma forma diferente de ensinar a disciplina? Como foi a reação dos seus alunos? E dos seus colegas de trabalho – professores e funcionários? E da coordenação da escola?

Conte sua experiência para a gente! A *Revista EF* está sempre à procura das boas práticas em Educação Física Escolar. Envie um relato do seu projeto para **revistaef@confef.org.br**. As melhores histórias serão publicadas nas próximas edições da revista.

Queremos estimular a troca de conhecimento entre os profissionais de Educação Física para que o ensino da disciplina na educação básica possa evoluir cada vez mais – sempre levando em consideração as diferenças regionais deste país tão vasto e rico culturalmente. Participe com suas ideias!